



VII CINCCI

VII Colóquio internacional
sobre Comércio e Cidade

Fortaleza, 03 a 07 de Novembro de 2020

Arquitetura bancária: a presença nas cidades e a conversão de seus espaços frente à virtualização dos serviços

Banking architecture: presence in cities and the conversion of their spaces in view of the virtualization of services

Arquitectura bancaria: presencia en las ciudades e la conversión de sus espacios en vista de la virtualización de los servicios

ALVES, Janércia; Mestranda; Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

janercia.alves@arquitetura.ufjf.br

BRAIDA, Frederico; Doutor; Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

frederico.braida@arquitetura.ufjf.br

ABDALLA, José Gustavo Francis; Doutor; Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

gustavo.francis@ufjf.edu.br

Resumo

Este artigo aborda a arquitetura das agências bancárias e as mudanças espaciais e de usos ocorridos frente à constante alteração tecnológica na atividade. O objetivo principal é evidenciar a lógica subjacente aos processos de permanência dos edifícios das agências bancárias na paisagem urbana diante da crescente virtualização dos serviços financeiros, destacando a manutenção da imagem das instituições ao se adaptar ao mundo contemporâneo. A metodologia utilizada tem por base a pesquisa bibliográfica e iconográfica, de caráter exploratório e qualitativo. Os resultados alcançados remetem ao levantamento de agências bancárias de importantes instituições no mundo econômico, implantadas em localizações privilegiadas, que possuem, na atualidade, novos usos. Ao final, constata-se que a permanência dos espaços de determinadas agências bancárias, ainda que convertidas em novos usos, apresenta-se como uma estratégia para a manutenção da imagem e da memória dos grandes bancos.

Palavras-chave: Arquitetura bancária. Conversão. Virtualização.



VII CINCCI

VII Colóquio internacional
sobre Comércio e Cidade

Fortaleza, 03 a 07 de Novembro de 2020

Banking architecture: presence in cities and the conversion of their spaces in view of the virtualization of services

Abstract

This article discusses the architecture of bank branches and the spatial and usage changes that have occurred in the face of constant technological change in the activity. The main objective is to show the logic underlying the processes of permanence of bank branch buildings in the urban landscape in the face of increasing virtualization of financial services, highlighting the maintenance of the image of the institutions by adapting to the contemporary world. The methodology used is based on bibliographic and iconographic research, of an exploratory and qualitative nature. The results achieved refer to the survey of bank branches of important institutions in the economic world, located in privileged locations, which currently have new uses. In the end, it appears that the permanence of the spaces of certain bank branches, even if converted into new uses, presents itself as a strategy for maintaining the image and memory of large banks.

Keywords: Banking architecture. Conversion. Virtualization.

Arquitectura bancaria: presencia en las ciudades e la conversión de sus espacios en vista de la virtualización de los servicios

Resumen

Este artículo aborda la arquitectura de las sucursales bancarias y los cambios espaciales y de uso que se han producido ante el cambio tecnológico constante en la actividad. El objetivo principal es resaltar la lógica subyacente a los procesos de permanencia de los edificios de sucursales bancarias en el paisaje urbano frente la creciente virtualización de los servicios financieros, destacando el mantenimiento de la imagen de las instituciones al adaptarse al mundo contemporáneo. La metodología utilizada se basa en la investigación bibliográfica e iconográfica, de carácter exploratorio y cualitativo. Los resultados obtenidos se refieren a la encuesta de sucursales bancarias de instituciones importantes en el mundo económico, ubicadas en lugares privilegiados, que actualmente tienen nuevos usos. Al final, parece que la permanencia de los espacios de ciertas sucursales bancarias, incluso se si convierten en nuevos usos, se presenta como una estrategia para mantener la imagen y la memoria de los grandes bancos.

Palabras clave: Arquitectura bancaria. Conversión. Virtualización.

1 Introdução

Este artigo trata da temática da arquitetura bancária e a importância do segmento para o desenvolvimento econômico das cidades, considerando, em especial, as transformações ocorridas em seus usos com a passagem do tempo. Os movimentos contemporâneos implicam em transformações na sociedade, sejam referentes às espacialidades, funções, comunicação ou tecnologias. Nesse sentido, este artigo é resultante de uma pesquisa que se apoiou na seguinte questão: qual a lógica subjacente à permanência dos edifícios das agências bancárias diante da crescente tecnologia incorporada aos serviços prestados pelos bancos? Os grandes edifícios bancários, geralmente identificados por construções expressivas perante os espaços onde se encontram instalados, são representativos simbolicamente da instituição à qual correspondem, materializando a segurança, pujança e poder das corporações (ABDALLA; OLIVEIRA, 2019, p. 14).

Para Zevi, (2009, p. 192), “em arquitetura, o conteúdo social, o efeito psicológico e os valores formais se materializam todos no espaço. Interpretar o espaço significa por isso incluir todas as realidades de um edifício.” Considera-se que a virtualização do serviço bancário contribua sobremaneira para uma menor presença dos clientes no espaço físico de atendimento. Situação que conduz “mais a uma revolução na estratégia das técnicas de comercialização do que uma localização estratégica” (VARGAS, 1992, p. 315).

Diante das considerações aqui dadas, observa-se que o edifício bancário vem oferecendo novas utilizações ao seu espaço arquitetônico, buscando interação continuada com o público, vislumbrando inclusive a captação de novas formas de relacionamento. Socializa dessa maneira sua imagem, ampliando sua rede de contato e permanência simbólica.

Segundo a Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), seis em cada dez transações bancárias já são realizadas pelo celular ou pelo computador, demonstrando a forte representatividade tecnológica sobre os canais tradicionais. O uso do *mobile banking* no total de transações se ampliou de 35% em 2017 para 40% em 2018 (FEBRABAN; DELOITTE, 2019, p. 6; 48). Em pesquisa realizada em 2019, evidenciou-se a priorização do celular como forma de realizar movimentações financeiras, demonstrando confiança na segurança e praticidade no sistema oferecido pelos bancos, conduzindo as instituições bancárias a investirem acentuadamente em tecnologia no que tange à concretização de negócios (FEBRABAN; DELOITTE, 2019, p. 4; 48).

Assim como a ambiência virtual bancária avança rápida e gradativamente, em contraposição, sua arquitetura física, edificada, se mantém praticamente em situação estável. Segundo dados de 2018, o Banco Central do Brasil declarou que o número total de agências bancárias brasileiras neste ano era de 21,6 mil, registrando mínima diferença do total de 21,8 mil em 2017, permanecendo inalterada inclusive a concentração de mais da metade desse montante de agências instalada na região sudeste do país (FEBRABAN; DELOITTE, 2019, p. 38; 48). Por esse resultado, nota-se a importância da manutenção dos prédios bancários, entretanto, onde destina-se atendimento presencial voltado para o perfil de consultoria em investimentos e para a prática de contratação de crédito.

Corroborando os resultados da pesquisa da FEBRABAN 2019, permanece o pressuposto dito por Lynch (2011, p. 124), “o próprio ambiente urbano está

mudando rapidamente, acompanhando as transformações técnicas e funcionais”. Essas mudanças são capazes de redirecionar os canais de atendimento bancário visando ao acompanhamento das tendências contemporâneas, mas também imprimem ao espaço físico já construído a tarefa de deixar a imagem institucional reverberar através de sua arquitetura imponente, remodelando sua forma de atendimento.

Considera-se que a manutenção dos prédios bancários, especialmente os históricos, seja estratégia de materializar os conceitos e a imagem institucional das empresas desse setor financeiro (ABDALLA; OLIVEIRA, 2019, p. 24). Novas funções agregadas ao espaço edificado, como centro cultural ou museu, é também um posicionamento frente ao mercado, perpetuando sua história nesse mundo em permanente mutação (ALVES; PAULA; ABDALLA, 2020). “O tempo gasto em reconhecimento raramente é desperdiçado” (SUN TZU, século IV A.C. apud KOTLER, 1999, p.99).

Portanto, pode-se dizer que objetivo principal deste artigo é evidenciar a lógica subjacente aos processos de permanência dos edifícios das agências bancárias na paisagem urbana diante da crescente virtualização dos serviços financeiros, destacando a manutenção da imagem das instituições ao se adaptar ao mundo contemporâneo.

2 Metodologia

A metodologia adotada voltou-se para pesquisa bibliográfica e iconográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54), trazendo por temática principal a arquitetura bancária, sua importância perante o desenvolvimento econômico das cidades e adaptação aos movimentos contemporâneos, valorizando sua importância histórica diante da imponente presença arquitetônica e relacionando o espaço ocupado aos seus novos usos. Quanto à sua natureza, tratou-se de uma pesquisa básica, de caráter exploratório e qualitativo (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionadas três agências bancárias no universo mundial, que possuem por características comuns: (1) a relevância econômica como serviço prestado à localidade na qual foi primordialmente instalada; (2) a resignificação de seus espaços via novos usos frente a informatização da atividade; (3) o valor simbólico do legado arquitetônico de seus edifícios. As alterações, justificadas em especial por permanente desenvolvimento tecnológico do mercado do qual participam, normalmente responsável por inserir inovações e agilidade negocial junto ao público consumidor, demonstram pertinência ao crescimento econômico das comunidades aos quais se relacionam.

As edificações selecionadas como objetos de estudo foram: (1) o Museu do Design e da Moda – MUDE, Lisboa, Portugal; (2) Hotel Mandarin Oriental Barcelona, Espanha; (3) Farol Santander, em São Paulo, Brasil. Todas edificações pertenceram a importantes instituições bancárias em seus países, ocupam centralidades históricas e foram amplamente responsáveis por contribuir para o desenvolvimento econômico nacional, além de serem arquitetonicamente representativos.

3 Os bancos, a arquitetura bancária e a cidade

Segundo Ströher (1999, p. 5), para grande parte dos historiadores, o início da atividade bancária, entendida como instituição, encontra-se entre a Idade Média e o Renascimento Italiano. Entretanto, a atividade é apoiadora de negócios, participando de intermediações comerciais desde os mais antigos mercadores, o que retoma aos fenícios, gregos, romanos, babilônicos e tanto outros povos que possuíam domínio das atividades comerciais e de trocas de mercadorias àquela época (STRÖHER, 1999, p. 5).

Até o século XV, as atividades comerciais estavam restritas ao Mediterrâneo. Entretanto, os desbravamentos marítimos impulsionaram a comercialização mundial entre os povos, provocando consequente crescimento econômico. Esse crescimento foi ladeado pelo apoio das instituições bancárias, trazendo a era da Revolução Comercial, e implementando dinamismo capitalista a partir do século XV (STRÖHER, 1999, p. 5). Essa era marcou o surgimento das operações bancárias conhecidas até hoje, como cheque, desconto, compensação, moeda universal (STRÖHER, 1999, p. 8).

A Itália era reconhecida por concentrar o domínio comercial na Europa. Entretanto, Londres, com seu poderio naval, passou a ter destaque a partir de 1700, estabelecendo-se como o novo centro financeiro mundial, apoiando, concomitantemente, sua indústria e a comercialização dos próprios produtos. O início do século XVIII colocou em evidência a atividade bancária em países desenvolvidos, como Inglaterra e Estados Unidos. O final do século XVIII e, principalmente, o século XIX são épocas de expressiva implantação de edificações bancárias, com prédios distintos, motivados por almejar garantir segurança e status que operações de financiamento e empréstimos traziam para os banqueiros. O século XIX democratizou e popularizou a atividade bancária, expandindo-a às populações mundiais (STRÖHER, 1999, p. 8).

O sistema bancário, segundo o Banco Central do Brasil, é composto pelos bancos comerciais e múltiplos com carteira comercial, pelas caixas econômicas e pelas cooperativas de crédito, instituições que são participantes ativas da economia do país (CAMOCARDI, 2013 p.19). Esse sistema constitui-se em estruturas complexas e fortemente regulamentadas, cuja presença nas cidades influencia na dinâmica urbana, marcando presença com sua robustez arquitetônica e simbologia de poder.

A implantação das grandes agências bancárias é resultante de busca por visibilidade, almejando ocupação em locais que permitam destaque, normalmente produto de projetos de arquitetos renomados, com estilos marcantes, deixando seu registro através de arquitetura expressiva (HOFMANN, 2016, p. 4). E sua permanência em pontos históricos é perceptível, independente de alterações que venham a ocorrer na estrutura das cidades, determinando a importância de sua presença para a economia local (ABDALLA, 2011, p. 22).

A arquitetura bancária encontra proximidade na diferença apresentada por Zevi (2009, p. 92) entre escala humana e escala monumental: “sabemos distinguir um edifício concebido e construído para o homem de um edifício-símbolo construído para representar uma ideia, um mito que impressione, se sobreponha, domine o homem”. Sua presença passa a ser um referencial, um marco, emoldura-se ao local, trazendo distinguibilidade construtiva e perpetuando sua marca.

3.1 Arquitetura bancária

As atividades comerciais sempre foram instrumento de capilaridade do sistema bancário. Situação que pode ser observada no tocante às localidades selecionadas para implantação da rede de agências bancárias desde o século XIX, as quais apresentavam destaque comercial justificando sua escolha e, posteriormente, importância na atividade industrial (ALONÇO, 2008 apud NOGUEIRA, p. 30, 2018).

O programa arquitetônico para a atividade dos bancos, desenvolvido para ser apresentado como estabelecimento comercial, surgiu ao final do século XVIII, com a sede do Banco da Inglaterra, em Londres. Obra de Sir John Soane, construção edificada entre 1818-1823, sendo então considerado o primeiro edifício projetado intencionalmente para atender a atividade bancária (STRÖHER, 1999, p. 14).

A tipologia arquitetônica bancária tomou por base o palácio renascentista, espelhando a residência dos primeiros banqueiros, além do templo clássico, onde ocorriam negociações na antiguidade, com vistas a referenciar historicamente a imagem de nobreza, segurança e credibilidade (NOGUEIRA, 2018, p. 25).

No início do século XX, o palacete eclético passou a simbolizar tipologicamente o edifício bancário, consolidando-o. O Ecletismo trouxe pluralidade compositiva, unindo referências históricas e incorporando novos materiais, advindos da Revolução Industrial, estando mundialmente presente em vários edifícios bancários que podem ser considerados como ícones (NOGUEIRA, 2018, p. 25).

A industrialização contribuiu mundialmente para o crescimento das cidades, para o adensamento urbano, implicando em demanda de apoio financeiro para dar suporte às transformações que se apresentavam. Essa situação se repetiu no Brasil, com intensificação da modernização das grandes cidades brasileiras, centros de negócios. Contribuindo para implementação de infraestruturas, desenvolvimento de certas regiões e apoio às atividades econômicas, ampliou-se a estrutura dos bancos, aumentando a participação dos bancos públicos no país, com a finalidade de fomentar e conceder crédito às atividades produtivas. Historicamente essas instituições exerceram importante papel no desenvolvimento nacional, especialmente na segunda metade do século XX (NOGUEIRA, 2018, p. 37).

Seguindo os movimentos e estilos, os novos edifícios deixaram o modelo dos palacetes e passaram a receber traços mais modernistas ou *art déco*, porém sem abandonar o caráter monumental de sua implantação (NOGUEIRA, 2018, p. 31). Após a construção de Brasília, tende-se a uma construção voltada para o concreto armado, grandes vãos e balanços, tendo a estrutura como presença definidora da forma, influência da escola paulista (NOGUEIRA, 2018, p. 47). A expansão econômica motivou a implantação de inúmeras agências bancárias no país até a década de 1980, quando a recessão econômica e o crescimento dos serviços de informática levaram à mudança de estratégia na participação mercadológica bancária (NOGUEIRA, 2018, p. 54).

3.2 Informatização da atividade bancária

A automação bancária brasileira envolveu uma sucessão de concepções na natureza do serviço bancário, passando inclusive pela capacitação do país no desenvolvimento de tecnologias passíveis de acompanhar a internacionalização do ramo (DINIZ, 2004, p. 56). A agilidade concedida pela automação passou a ser um diferencial competitivo, permitindo que o cliente deixasse de ter atendimento em um

ponto único e passasse a ser cliente de todo o conglomerado, incorporando a máxima de quanto maior a automatização da instituição, maior será sua base de clientes (DINIZ, 2004, p. 57).

As instituições financeiras, atentas à demanda do mercado consumidor e à concorrência, remodelaram suas estratégias na busca por sua manutenção no mercado dentre as mudanças (CAMOCARDI, 2013, p.13). A evolução tecnológica conduziu a novas formas de oferta do serviço financeiro, tornando independente de localização fixa o atendimento ao usuário. A facilidade de atendimento levou, entretanto, a instituição à busca por diferenciação através da imagem, da identidade corporativa, dos valores que a instituição deseja expressar (NOGUEIRA, 2018, p. 207).

O centro das cidades é reconhecidamente marcado pelo adensamento comercial, por mercados ativos e substancial atratividade por negócios. Historicamente, é a região que marca o início de implantação das povoações e que se mantém em ebulição, ainda que novas centralidades surjam. A centralidade urbana responde por inovações, inclusive a que se volta para os mercados financeiros, gerando vantagem competitiva para as instituições bancárias que se instalam no centro, comparativamente àquelas cujas sedes ocupam as periferias (CAMOCARDI, 2013, p. 30).

As agências bancárias, que constituem marcos reconhecidos, ocupam as centralidades, constituindo estratégia de marketing a localização escolhida. Fazem-se valer da imponência arquitetônica e da localização privilegiada para materializar o poder econômico, respeito e segurança que desejam cristalizar (ABDALLA, 2011, p. 22). A permanência em lugares históricos, mesmo que a contemporaneidade requeira menor presença dos clientes nas agências, reforça a estabilidade e solidez que a instituição representa para sua localidade.

4 A presença simbólica das agências bancárias na cidade contemporânea e os novos usos

O surgimento de novas edificações e a substituição de antigas construções é situação recorrente nas cidades. Entretanto, a sustentabilidade é conceito presente nas práticas arquitetônicas atuais. Fazer a reflexão de como a arquitetura pode contribuir para evitar a obsolescência construtiva é tarefa que congrega a preservação patrimonial e histórica. A flexibilização espacial conduz, portanto, a mudanças tecnológicas e de uso das edificações (BRAGA, 2017, p. 27).

Os espaços destinados às agências bancárias continuam a ocupar sítios de destaque, posicionados através de arquiteturas robustas, por vezes históricas, contribuindo para a perpetuação da instituição a que se refere. Considerando que a tecnologia empregada nos serviços oferecidos tem participação em menor demanda por suas sedes, buscar novas formas de explorar a edificação torna-se uma possibilidade de manutenção mercadológica. Essa condição pode ser ampliada se aplicado conceito de flexibilidade, nesse caso arquitetônica, visando a oferecer situação diferente da obsolescência do uso espacial-funcional tradicional de uma agência bancária.

As alterações internas, ampliações ou polivalências podem conduzir ao uso da edificação sem que ocorram alterações físicas (LEUPEN, 2006, p. 25 apud BRAGA, 2017, p. 37). Estudos sobre flexibilidade arquitetônica podem, portanto,

potencializar o uso das construções, favorecendo “a permanência destes edifícios, o que se verifica por intermédio de soluções mais abertas, considerando o edifício como algo capaz de crescer e se reconfigurar ao longo do tempo, ou de estratégias de projeto relacionadas à transformação” (MACIEL, 2015 apud BRAGA, 2017, p. 39).

O cenário contemporâneo transparece maior transitoriedade sobre a existência material, levando as construções a sofrerem variadas mudanças em pouco tempo. O que é transitório substitui o ser durável (BRAGA, 2017, p. 27). Para Jacobs (2018, p. 209), “o tempo torna obsoletas certas estruturas para certos empreendimentos, e elas passam a servir a outros”. A ação temporal provoca mudanças nas necessidades, tornando a estanqueidade arquitetônica desalinhada harmonicamente do curso da história. Adaptação e conversão passam a ser imperiosas atitudes de acompanhamento cotidiano, permitindo novas funções e usos frente ao mundo irrefutavelmente dinâmico. Essa é uma condição de não solidificar o envelhecimento funcional da arquitetura, em especial da arquitetura bancária, que oferece em espaços ícones mutabilidade funcional, perpetuando seus valores frente à sociedade.

4.1 Museu do Design e da Moda - MUDE

A construção pombalina, ocupante de todo um quarteirão, formado anteriormente por lotes com funções diversificadas, hoje constitui o Museu do Design e da Moda em Lisboa, Portugal. Em 1866, o Banco Nacional e Ultramarino, importante instituição bancária nas colônias portuguesas, instalou-se inicialmente em duas ruas e posteriormente ampliou-se, ocupando todo o quarteirão até 1967, no decorrer de um século. A conversão das variadas atividades em atividade bancária exclusivamente marca a história da Baixa Pombalina (Figuras 1 e 2).

Ao arquiteto Tertuliano Marques coube o projeto de unificação espacial, visando atender às exigências de instalações bancárias. As fachadas foram mantidas, demolindo-se todas as demais estruturas, preservando-se a métrica pombalina. O novo edifício passou a ter um piso enterrado para cofres, térreo, três andares e sótão, com claraboia responsável por iluminação zenital.

Nova reforma posteriormente foi requerida, onde a fachada foi mantida, porém com acréscimo de pórtico em pé direito duplo na entrada principal. Atualmente apresenta seis momentos de sua história: o projeto pombalino, a reconstrução de 1930, ampliação de 1967, anexos construídos em 1990, demolição de 2003 e o projeto museológico para o MUDE (Figura 3), deixando por resultado a soma de tempos e arquiteturas.

Sua ocupação no centro histórico da cidade de Lisboa, em área total de 15.400 m², oito pisos, constitui-se importante marco patrimonial para o país, rememorando conquistas territoriais via apoio financeiro do banco cuja sede ali esteve atuante, expondo-se inclusive como documento histórico arquitetônico, e adotando mínimas intervenções para trazer flexibilidade como característica para os espaços expositivos do atual museu (COUTINHO, s.d.).



Figura 1: Balcão da Seção de Letras, 1º piso

Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/3hMw4nZ>. Acesso em: 15 jun. 2020.



Figura 2: Balcão da Seção de Câmbio, 1º piso

Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/2V0WZme>. Acesso em: 15 jun. 2020.



Figura 3: Museu do Design e da Moda – MUDE

Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/2ATaLR5>. Acesso em: 15 jun. 2020.

4.2 Hotel Mandarin Oriental Barcelona

O atual hotel, de estilo neoclássico, estabelecido em Barcelona, Espanha, foi sede do Círculo Equestre até 1950, sendo fundado em 1856. Destruído durante a guerra civil, no local foi erguido o Banco Hispano Americano, finalizado em 1955, importante participante da economia espanhola no pós-guerra (Figura 4).

O acesso ao edifício é um prolongamento do Passeio de Gracia, com o hall de entrada do hotel, transcendendo o limite público/privado, convidando os passantes a uma experiência pela sua arquitetura (Figura 6). A permeabilidade que conduz ao interior foi permitida ao ser criado um pórtico de entrada ao abrir as janelas do térreo, única intervenção relevante com vistas a tornar o acesso

convindicativo, integrando o modernismo do Passeio de Gracia à fachada preservada (Figura 5).

Ao antigo pátio de operações bancárias, no mezanino, incorporou-se estrutura com iluminação natural zenital e espaços de atendimento público como restaurante e cafeteria. Contando com 17.000 m², 102 apartamentos, grande salão, e serviço de alimentação, o hotel se destaca pela suntuosidade e integração convidativa de espaços, situando-se próximo a destaques culturais que a cidade oferece. No seu entorno, encontram-se lojas renomadas, bons restaurantes e espaços culturais, atrações turísticas que reforçam a importância do lugar para tais atividades (SOUZA, 2012).



Figura 4: Fachada
Fonte: Disponível em:
<https://bit.ly/2YfaJfp>.
Acesso em: 15 jun. 2020.



Figura 5: Pórtico
Fonte: Disponível em:
<https://bit.ly/3fDEPis>. Acesso em: 15 jun.
2020.

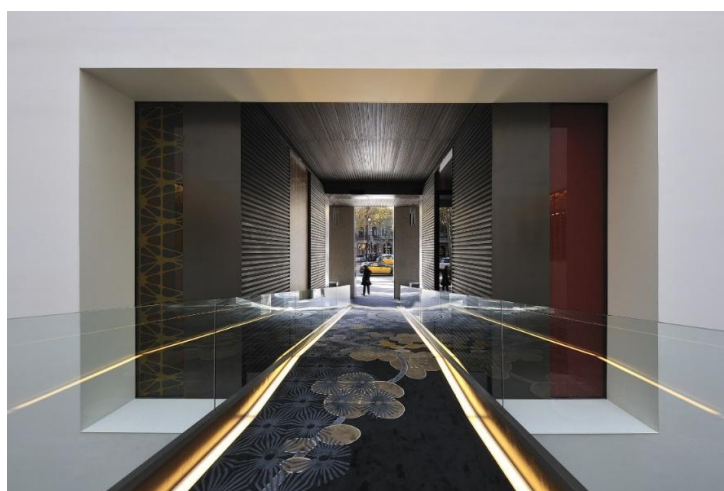


Figura 6: Hall de entrada e Passeio de Gracia
Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/30XRCrR>. Acesso em: 15 jun. 2020.

4.3 Farol Santander - São Paulo

Destaque no cenário econômico paulista na década de 1940, o Banco do Estado de São Paulo – BANESPA – é também referência arquitetônica através de sua implantação ícone no centro financeiro da cidade de São Paulo (SP). Sua construção teve início no governo Getúlio Vargas, sendo concluído após a Segunda Guerra Mundial, em 1947.

Com seus 161 metros de altura e 35 andares, situado na região central da cidade, recebeu por anos o título de maior prédio construído em concreto armado no mundo (Figura 7). Sua inspiração relaciona-se ao *Empire State Building*, que, diversamente, foi edificado em estrutura metálica. Sua imponência exalta o poder econômico da cidade, construção símbolo de seu tempo, herança dos barões de café, marcando através de sua edificação a força que a cidade representa perante a economia brasileira (SALES, 2014, p. 79).

O edifício é também registro da verticalização presente na cidade. Com suas linhas retas, a construção é exemplar *art déco*, aproximando-se da arquitetura americana e apartando-se da influência francesa, referência ao desejo de crescimento e pujança econômica capitalista. O Edifício Altino Arantes marca a migração da força rural, do poder dos cafeicultores, para a cidade, acompanhando o desenvolvimento industrial crescente e a nova era mercantil, apoiada e financiada pelos banqueiros (SALES, 2014, p. 79).

O prédio que abrigou o Banespa até 2001, foi adquirido pelo banco espanhol Santander, após inúmeros movimentos nacionais de desestatização bancária. O edifício foi tombado em 2011, reafirmando a importância histórica, cultural e social para a cidade, sobretudo a simbologia identitária. Em 2017, inaugurou-se o Centro Cultural do Banco Santander (Figura 8), abrindo suas portas para exposição do passado ali existente, sua história, participante do crescimento da cidade, ofertando também restaurantes e o consagrado mirante (DONATO; PRESTES, 2018). E mais recentemente, segundo Sanchez (2019), o Bar do Cofre, em 2019, no seu subsolo, trazendo a público seu espaço mais velado, mantendo características da arquitetura original, adaptada ao novo uso (Figura 9).



Figura 7: Farol Santander

Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/2IKgWaS>.
Acesso em: 15 jun. 2020.

Figura 8: Sala de reunião – exposição

Fonte: do autor, 2019



Figura 9: Bar do Cofre – São Paulo (SP)

Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/32afHJM>. Acesso em: 15 jun. 2020.

5 Considerações finais

As atividades econômicas estão presentes na sociedade como fomentadoras do desenvolvimento, desde a antiguidade. Elas acompanham o movimento ocorrido através dos tempos, constituindo parte da história, repercutindo o passado como apoio do presente e futuro. Juntamente às fontes de economia, tem-se a arquitetura como emolduradora dos espaços que abrigam as inúmeras atividades.

A contemporaneidade implica em alterações tanto nas atividades quanto na forma como essas atividades se desenvolvem. Percebe-se a informatização como condição participante e promotora de mudanças, que conduz, por vezes, à derrocada de certos serviços, entretanto impulsiona a criação e surgimento de outros.

Em recente situação mundial, a propagação de doença contagiosa atingindo povos de maneira pandêmica demonstra que algumas fronteiras são quebradas invisivelmente. A favor, a contribuição da tecnologia, permitindo além da comunicação remota, a informação e mesmo a possibilidade de trabalho à distância. Assim, também garantem a manutenção de atividades comerciais, cujas negociações se realizam virtualmente, possibilitando que a atividade permaneça, ainda que o ambiente formalizador não seja aquele de seu formato naturalmente conhecido.

Considerando que o estudo se apoiou na atividade bancária, fortemente informatizada com o passar dos anos, onde há um senso comum reconhecido da ocorrência de um incremento de demanda ao virtualizar seu serviço, oportuniza-se o ingresso ao mundo financeiro de maneira facilitada, e outrora inimaginada, por grande parte da população. Sem que seu espaço físico perdesse importância,

contrariamente, nova função lhe foi contemplada, ampliando o significado da instituição, perpetuando sua marca e gerando visibilidade diferenciada ao oferecer nova forma de contato com sua clientela.

Estratégias inovadoras e flexibilidade marcam permanentemente as atividades econômicas, como condição de potencializar, perante a dinâmica social, postura mercadológica que possa conduzir à favorável presença institucional em seus espaços conquistados, quer virtual, quer físico.

6 Referências

ABDALLA, José Gustavo Francis. Tipologia da arquitetura e cidades: uma investigação em Juiz de Fora, MG. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2, 2011, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: SBQP, 2011. p. 14-24.

ABDALLA, José Gustavo Francis; OLIVEIRA, Juliana Similli de. Teatralidade da arquitetura bancária em Juiz de Fora: arquitetura, planos e paisagem. In: BRAIDA, Frederico et al. (org.). **Arquitetura e urbanismo em Juiz de Fora**: bancos, clubes, museus e universidades. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. p. 6-30.

ALVES, Janércia; PAULA, Frederico Braida R. de; ABDALLA, José Gustavo F. De agências bancárias a centros culturais: a presença da arquitetura dos bancos na paisagem das cidades. In: MIGLIORINI, Jeanine M. (org.). **Arquitetura e Urbanismo**: competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado 2. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020, v. 2, p. 69-81. DOI: 10.22533/at.ed.2922029045. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/32875>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRAGA, Bruno Melo. **Flexibilidade e permanência**: os edifícios públicos modernos de Fortaleza. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design, 2017. 153 f.

CAMOCARDI, Camila Ziliotto. **Dinâmica estratégica de agências bancárias em um novo paradigma tecnológico**: um estudo do caso brasileiro. Dissertação de Mestrado - Fundação Getúlio Vargas. Mestrado Profissional em Economia, São Paulo, 2013. 75 f.

COUTINHO, Bárbara. **Projeto de requalificação integral do edifício do mude**. s.d.

Disponível em: [https://www.mude.pt/public/uploads/mude/p%20arg%20mude\(1\).pdf](https://www.mude.pt/public/uploads/mude/p%20arg%20mude(1).pdf). Acesso em: 19 jun. 2020.

DONATO, Verusca; PRESTES, Caio. **Farol Santander, antigo prédio do Banespa, é aberto para visita nesta sexta em SP**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/aniversario-de-sp/2018/noticia/farol-santander-antigo-predio-do-banespa-e-aberto-para-visitacao-nesta-sexta-em-sp.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2020.

FEBRABAN - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS; DELOITTE – DELOITTE TOUCHE TOHMATSU LIMITED. **Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária:** FEBRABAN, 2019. SI.: FEBRABAN, 2019. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/br/pt/pages/financial-services/articles/pesquisa-deloitte-febraban-tecnologia-bancaria.html>. Acesso em: 28 maio 2020.

HOFMANN, Carmen; MASSAGLIA, Gabriella (org.). **Bulletin (European Association Bankinkg and Financial History)**. Frankfurt: The European Association Bankinkg and Financial History, 2016. Disponível em: https://bankinghistory.org/wp-content/uploads/EABH-bulletin_small-resolution-with-cover-for-web.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

JACOBS, Jane. A necessidade de prédios antigos. *In*: JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2018. p. 207-220.

KOTLER, Philip. **Marketing para o século XXI**: como criar, conquistar e dominar mercados. São Paulo: Futura, 1999.

LYNCH, Kevin. A forma da cidade. *In*: LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martim Fontes, 2011. p. 101-132.

NOGUEIRA, Anastácio Braga. **Arquitetura moderna bancária pelo Nordeste (1968 – 1986)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Fortaleza, 2018. 235 f.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SALES, Gladys M. S. Arqueologia e Edificação – A representação da identidade da elite paulistana a partir da construção do edifício Altino Arantes – o “Banespão”, na década de quarenta. *In*: Revista Memorare, v. 1, n. 3. Tubarão: ago./set. 2014. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/2513. Acesso em: 19 jun. 2020.

SANCHEZ, Leonardo. **Antigo cofre de banco se transforma em bar de drinques no SubAstor no Farol Santander**. 2019. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/bares/2019/01/antigo-cofre-de-banco-se-transforma-em-bar-de-drinques-do-subastor-no-farol-santander.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SOUZA, Eduardo. Hotel Mandarin Oriental Barcelona / OAB. **ArchDaily Brasil**. 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/76664/hotel-mandarin-oriental-barcelona-oab>. Acesso em: 18 jun. 2020.

STRÖHER, Ronaldo de Azambuja. **As transformações na tipologia e no caráter do prédio bancário em meados deste século**. Dissertação de mestrado.

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: PROPAR, 1999.

VARGAS, Heliana Comin. **Comércio:** localização estratégica ou estratégia na localização? Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1992.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** 6. ed. São Paulo: WMF Martim Fontes, 2009.